

Galeria de Ilustres: Escrita Biográfica e Formação da Nação no Império do Brasil (1840-1860)

Mestre Leandro Augusto Martins Junior¹

Dentre os muitos usos feitos dos escritos biográficos, interessa-nos aqui dimensioná-los como prática narrativa fundadora de valores identitários, não só os do biografado, mas como também, a despeito da enorme diversidade, de identidades coletivas, em muitos aspectos associadas ao caráter pedagógico das lições que poderiam vir a ser apreendidas e monumentalizadas por intermédio dos feitos e realizações do protagonista central da trama. Neste sentido, ganha destaque a figura do *herói*, um indivíduo que, por seus bons feitos, perfeitamente adequados aos valores e códigos sociais, é tomado como o exemplo a ser seguido tanto por seus contemporâneos, quanto pela posteridade.

Este modelo de virtuose do *herói* veio a ser utilizado por diversos dirigentes e intelectuais ao longo da vigência do Estado Imperial brasileiro (1822-1889), interessados na elaboração de discursos e narrativas que pudessem veicular valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime monárquico então instaurado.

Entre os sócios do IHGB, João Manuel Pereira da Silva (1817-1897) dedicou-se à escrita de uma obra biográfica, com publicação fora do espaço da *Revista* do Instituto: o *Plutarco Brasileiro*, cuja primeira edição, de 1847, seria revisada pela primeira vez em 1856, sob o título de *Os varões illustres, durante os tempos coloniaes*, e novamente em 1868, sendo mantido o nome da reedição anterior. Em seu prefácio, o livro, composto por 20 biografias, é apresentado como “a historia do Brazil em algumas épochas”, para o qual o historiador afirma ter optado pela forma biográfica “por lhe parecer que narrando a historia dos homens illustres do seu paiz conjunctamente com a dos grandes successos, que tiveram logar durante suas vidas, mais agradava a seus leitores” (SILVA, 1847:vii-viii).

A história nacional, construída a partir das ações de seus ilustres varões, era então entendida como uma diligência narrativa eficaz na elaboração de estandartes de

¹ Programa de Pós-Graduação de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGHIS/UERJ)

patriotismo, reforçando a perspectiva pragmática e pedagógica através da qual esse saber devia ser produzido. Não obstante as críticas recebidas por suas lacunas e inexatidões, as biografias dos homens notáveis do Brasil colonial inauguram uma série de “panteons de papel” similares que se multiplicam ao longo do século XIX, em produções independentes e externas ao IHGB.

Cerca de vinte anos após a fundação do Instituto Brasileiro, o francês Sébastien Auguste Sisson (1824-1893) organizou a sua “*Galeria dos Brasileiros Ilustres*” que, editada entre os anos de 1859 e 1861, tinha por objetivo maior apresentar à Nação brasileira biografias de homens que, senhores dos mais nobres valores e ações, deveriam ser tomados como padrão por seus compatriotas. Nas palavras do próprio autor, sua obra buscava “(...) ver perpetuadas a memória de seus heróis e varões beneméritos, por meio de uma justa satisfação aos leitores contemporâneos, na forma de um tesouro precioso reservado para a posteridade” (SISSON, 1999:13).

Assim norteado, o esforço literário de Sisson se faz a partir da tentativa de moldar estes personagens exemplares em verdadeiros *heróis* nacionais, conceito que comportava em si determinado grau de pedagogia: estes indivíduos, tanto por seus “bons feitos” – perfeitamente adequados aos valores e códigos sociais – quanto, e ao que nos parece, principalmente por compartilharem da ordem monárquica nacional então vigente, traziam consigo o estandarte da exemplaridade, devendo ser tomados, por isso, como parâmetros a serem abraçados por seus contemporâneos e pela posteridade.

Ao biografar “homens notáveis”, Sisson buscava não só prestar uma justa homenagem aos mesmos, mas como também, e principalmente, propiciar “(...) um incentivo poderoso, que convida os filhos a seguir os exemplos dos pais, e que faz suceder por novos os antigos beneméritos” (SISSON, 1999:13). Através do trabalho de escrituração biográfica, os grandes nomes ilustres se convertiam, assim, em personagens da história da nação, o que, no caso específico da presente galeria, abrangeria o registro da história do tempo presente do Império, por meio da consignação de seus homens célebres.

Deste modo, composta por dois volumes, em um total de 89 biografias, a galeria de Sisson é repleta de “*homens ilustres*” que, cada qual em suas funções e ações, apresentavam-se enquanto figuras de destaque dentro da sociedade imperial brasileira. Nessas narrativas, mais do que a preocupação em apresentar trajetórias de vida, houve

uma ênfase em enaltecer o que tais personagens realizaram ou estavam por realizar em prol da construção do Estado e da Nação.

O primeiro traço marcante da *Galeria dos Brasileiros Ilustres* se explicita no próprio título: o termo *galeria* está intimamente ligado à idéia de *imagem*. Assim, as efígies dos “homens ilustres” são representadas não somente pela narrativa (biografia), mas como também através de retratos (litografia). Como norte de ambas, temos a busca da imortalização desses varões e de suas ações.

Como regra, todos os seus biografados eram estadistas, e era como tal que a maioria deles se destacava. Através da política, estes homens proeminentes davam sua grande contribuição ao desenvolvimento da Nação. Fosse no Senado, na Câmara dos Deputados, na pasta de algum Ministério ou em algum outro cargo político-administrativo, suas atuações eram primorosas e voltadas nomeadamente para o progresso do país.

No entanto, alguns dos biografados se mostravam exemplares através de ações efetuadas em outras áreas – que, no entanto, igualmente se apresentavam necessárias ao progresso da Nação. É o caso de Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá, cuja presença na galeria de Sisson foi assegurada menos por sua atuação como deputado na década de 50, do que como empreendedor comercial: a autoria da construção da primeira via férrea do Brasil, e de tantas outras, lhe garantiu o posto de *herói* nacional.

Ao biografar “homens notáveis”, Sisson buscava não só prestar uma justa homenagem aos mesmos, mas como também, e principalmente, propiciar “um incentivo poderoso, que convida os filhos a seguir os exemplos dos pais, e que faz suceder por novos os antigos beneméritos” (Sisson, 1999:14). Explicita-se, então, a exemplaridade e o caráter pedagógico do *herói*. Da mesma forma, os contemporâneos se sentiriam orgulhosos de pertencerem à mesma Nação, igualmente altiva, destes varões: “A Nação, como a família, se apraz de conservar indelével a imagem e a figura de seus membros mais distintos” (SISSON, 1999:14)

É interessante notarmos que, se por um lado estes biografados são apresentados como “grandes homens” devido às suas próprias ações, por outro sua importância para a Nação se dá somente enquanto partes integrantes e forjadoras desta. Nas palavras do nosso autor, “as biografias dos homens notáveis e eminentes de um país são páginas soltas do grande livro da história dele” (SISSON, 1999:15).

Na verdade, a vida destes ilustres era toda preenchida de sucessos, muitos realizados ainda na mocidade. Todos haviam sido jovens prodigiosos, sendo a coragem, honestidade, determinação e integridade qualidades presentes nestes homens desde cedo.

Dado relevante é a contemporaneidade existente entre o trabalho de Sisson e seus biografados: a coletânea se faz a partir da apresentação de personagens ou ainda vivos, ou – no caso de falecidos – responsáveis por feitos e idéias ainda presentes e influentes no cenário imperial brasileiro de inícios da década de 60. Honório Hermeto Carneiro Leão, o marquês do Paraná, por exemplo, que morrera em meados de setembro de 1856, figurou na Galeria dos Brasileiros Ilustres como o primeiro dos oitenta e nove homenageados, dado que pode ainda nos indicar, dentre outras referências, a força possuída pela *teia de Penélope saquarema* (MATTOS, 2004).

Um segundo aspecto que parece estar presente na vida de todos os biografados de Sisson é a defesa de pressupostos então entendidos como garantidores da soberania nacional, em particular, o regime monárquico, a centralização político-administrativa e a integridade territorial.

Assim, não obstante a “independência” política que estes grandes homens pudessem ter, de uma forma geral, os biografados possuíam boa relação com o governo imperial. O próprio Sebastião Augusto Sisson se vangloriava de ter bom arrolamento com D. Pedro II: “(...) muito nos honra a distinção com que Sua Majestade o Imperador o Senhor Dom Pedro II se dignou de tomar debaixo de sua imediata proteção especial a Galeria dos Brasileiros Ilustres” (SISSON, 1999:15)

O Imperador é vangloriado em todas as suas ações; seu nascimento é tratado como um bem para a Nação; seu governo, festejado em comparação à regência de seu pai, D. Pedro I, que, segundo Sisson, não teria se preocupado em conter os “excessos do monarquismo”. D. Pedro II é apresentado ainda como o maior responsável pela vitória de um projeto de liberdade e patriotismo desenvolvido anteriormente por homens como os “inconfidentes das Minas Gerais” (1789) e os integrantes da Confederação do Equador (1824).

Sua mulher, D. Teresa Cristina Maria, é, se possível, ainda mais laureada por Sebastião Augusto Sisson. No entanto, tal celebração se dá segundo uma diretriz distinta. Enquanto o soberano é valorizado, sobretudo, em sua atuação política, são as

qualidades de uma espécie de “mãe da pátria” que perfilam o retrato da imperatriz: trata-se de uma mulher bondosa, acolhedora, “protetora desvelada do povo”, além de ótima esposa e profundamente religiosa.

Notamos ainda que o local de nascimento não se mostrava como condição primeira tanto para definir pertencimentos à comunidade nacional, quanto para se fazer presente na obra de Sisson, ele mesmo um estrangeiro. Os feitos destes grandes homens, ao beneficiarem a nação brasileira, faziam com que o “país e sua gente” os acolhessem de forma amistosa e generosa, tomando-os como “legítimos filhos da pátria Brasil”. É o caso, por exemplo, de Eusébio de Queirós que, nascido em São Paulo de Luanda, tornou-se um “verdadeiro brasileiro” em decorrência de suas ações em prol da soberania nacional, leia-se a abolição do tráfico intercontinental de escravos.

O reconhecimento social por estes ilustres varões era amplo, materializado pela grande quantidade de condecorações e homenagens por eles recebidas. Todos estes *heróis* nacionais foram agraciados com ao menos uma das mais importantes distinções de sua época. Não se mostrava em exceção, inclusive, que muitos destes homens fossem venerados no exterior, como é o caso de Honório Hermeto Carneiro Leão, o Marquês de Paraná, condecorado com a *Carta real de S.M.D. Pedro V de Grã-Cruz da Real Ordem Militar Portuguesa* (1856).

Seus próprios inimigos reconheciam suas inúmeras virtudes. Vejamos, por exemplo, o que Sisson afirma sobre o púbere chefe de polícia Eusébio de Queiros Coutinho Matoso Câmara:

No Senado, o marquês de Barbacena exaltava a nova atividade da polícia na Câmara dos Deputados, os membros de partidos opostos elogiavam o jovem chefe de polícia. O Senhor Vasconcelos, então ministro, Marinho, Otoni e Limpo, de idéias inteiramente opostas, o elogiavam. (SISSON, 1999:24)

Deste modo, ao biografar “homens ilustres” do século XIX brasileiro, Sebastião Augusto Sisson forjou suas memórias e colocou-as como patrimônios da nação brasileira. Suas vidas eram verdadeiros exemplos comportamentais para a sociedade deste país que buscava se fazer civilizado e moderno.

Foi e é nossa idéia bosquejar somente, sob o ponto de vista histórico, a vida e o caráter dos homens que se têm ilustrado no belo Império americano; desenhar as principais figuras, que têm deixado vestígios de sua passagem neste país e em sua cena política desde a Independência até os nossos dias;

em uma palavra, apresentar os quadros e a história do Brasil neste período, expondo, a par dos retratos, os feitos de seus varões que mais se têm distinguido. (SISSON, 1999:15).

Seja por sua inefabilidade ou por sua recorrente imprevisibilidade, a morte apresentava-se a Sisson como um evento extremamente inconveniente e frequentemente angustiante. Romper com o limite do fim que lhe é inerente parece ter sido grande preocupação do autor, o que nos ajuda a supor sua *Galeria* como esforço no sentido de ultrapassá-lo.

Em tempos de século XIX, adjetivado por Pierre Nora como o “século da memória”, a inquietação com a transposição dos perímetros impostos pela extinção de si e do outro faz-se, então, claramente presente na elaboração da *Galeria*, produzida a partir da recordação de eventos tidos como memoráveis.

No entanto, para além da reminiscência em si, a vitória frente à morte admitiria ainda um segundo e correlacionado exercício, o da seleção. A escrita da *Galeria* teria sido, neste sentido, confeccionada a partir de um meticuloso processo de recordação seletiva do passado. Sisson, assolado por uma espécie de amnésia revivificadora, a cada lembrança comportaria tantos esquecimentos.

Na tentativa de dar credibilidade ao passado recordado em sua *Galeria*, duas práticas ofertam, assim, importantes subsídios ao autor. A primeira delas, o ato de *comemorar*, que segundo Fernando Catroga, coloca-se como estratégia de revitalização festiva de um passado que, dotado de forte caráter magisterial, ofereceria moldes à posteridade.

Para além destes *investimentos comemorativos*, a recordação eleita deveria ser validada no presente como a mais correta das possibilidades, ratificando suas atribuições pedagógicas. Para tanto, uma segunda prática apresenta-se fundamental na *Galeria*: o exercício da retórica.

Para além do dizer e do como dizer, à retórica cabe convencer a legitimidade do discurso confiado à memória. Por via da pronúncia, tornar-se-ia crível o passado narrado por Sisson. Evidencia-se, deste modo, o caráter emulador da constituição de uma memória histórica, cujos parâmetros deveriam ser validados por via da retórica.

Nos *oitocentos*, a lembrança de determinado passado mostrava-se comumente comprometida com a construção de uma memória histórica nacional. Para tanto, as

preferências acerca do pretérito estavam vinculadas a determinadas práticas e valores condizentes com a Nação que se buscava edificar – freqüentemente no caso brasileiro, e precisamente na *Galeria de Sisson*, harmonizados com a consolidação de uma ordem imperial.

Nesta arquitetura, a retórica apresentava, então, fundamental importância ao seu sucesso. Concorrendo ao crescente romantismo, colocava-se em semelhança ao empenhar-se na construção nacional, mostrando-se atuante nos mais diversos espaços de circulação de idéias e debates políticos.

Em um jogo de lembranças e esquecimentos, de apresentações e representações de um determinado passado, caberia, pois, à retórica atribuir a esta escolha, subjetiva e possível, um caráter objetivo, fatal e positivo. Em particular à obra de Sisson, tratava-se de apresentar o passado nacional como gênese de um tempo presente e futuro triunfantes, evidentemente identificados com a defesa do regime monárquico, da centralização político-administrativa e da integridade territorial.

A exaltação de tais princípios, somada à extensa lista de biografados do Partido Conservador presentes ao longo de suas páginas, nos possibilita um novo entendimento acerca da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*: uma produção cujos usos e compreensões estavam vinculados direto ou indiretamente, em seu momento de produção e divulgação, às diretrizes saquaremas. Os biografados de Sisson surgem, então, como estandartes de tais princípios, na maioria das vezes por suas enérgicas alegações, ou ao menos pela ausência de críticas mais veementes.

Não obstante tais diretrizes, a *Galeria* apresenta uma série de divergências em seu conjunto, que inclusive fragilizam a hipótese da exclusividade de Sisson em relação à autoria das biografias: o tamanho dispare destas (não sendo as maiores destinadas necessariamente aos personagens políticos supostamente mais proeminentes), desacordos em relação às etapas e feitos das vidas dos biografados que mereceriam destaque pelo biógrafo (por vezes, dar-se valor à infância e mocidade, por outras são fases desprestigiadas) e a variedade no estilo de escrita (ora mais rebuscado, ora mais objetivo) são apenas algumas das variabilidades que corroboram a hipótese da co-autoria.

Embora a maioria das biografias não seja assinada (e as que são, não são por Sisson), relevantes evidências indicam José de Alencar como o autor de pelo menos

algumas delas. Em 1857, dois anos antes do lançamento da primeira edição da *Galeria*, algumas de suas biografias já circulavam sob a forma de fascículos em jornais da capital federal, respondendo pelo título de “Os Contemporâneos do Brasil”. A obra foi então anunciada pelo Diário do Rio de Janeiro ao 14 de junho de 57, indicando Sisson como seu editor e José de Alencar como autor das biografias.

Frente a tais inconstâncias, a companhia da litografia do homenageado a cada notícia biográfica caracteriza-se, então, como aspecto convergente da *Galeria dos Brasileiros Ilustres*: “A única marca unificadora da obra é o retrato litografado de cada indivíduo, de modo geral, assinado por Sisson”, afirma o professor Temístocles Cezar. Em nosso entendimento, outras referências podem ser caracterizadas como “marcas unificadoras” da *Galeria*, notadamente a defesa de determinados valores e práticas vinculados ao fortalecimento da ordem monárquica brasileira por parte dos biografados.

Deste modo, se por um lado nos parece plausível, diante de inúmeras evidências, a proposição da co-autoria em relação à produção das biografias da *Galeria*, por outro ratificamos a compreensão que percebe poderosas uniformidades na obra, em destaque a figuração do homem público em “modelo virtuoso” e a já argumentada parceria entre litografia e biografia em favor da exaltação do governo imperial brasileiro então instaurado.

Ao fim de nossa análise, entendemos que “coletânea biográfica”, “obra de História”, “produção de memória” apresentam-se como tipificações perfeitamente cabíveis à *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. Talvez, aliás, sua mais clara compreensão resida justamente na junção destas três acepções: biográfica em seu estilo, histórica em sua essência e memorialística por sua significação.

Galeria de narrativas responsáveis pela exposição de “vultos de nação” através da *escrita da vida* de “heróis nacionais”, a obra de Sisson pode ser compreendida, deste modo, enquanto uma produção que, dentre outros usos possíveis, tinha como principal intuito despertar admiração por seus varões eleitos. Através “*da pena*” do biógrafo, os “homens de exceção” do Brasil, após uma seleção meritocrática, puderam ser salvos do olvido do passado, sendo suas vidas narradas em glórias e suas ações interpretadas como símbolos de conduta por seus compatriotas.

Caberia ao biógrafo, neste sentido, convencer o leitor acerca da excelência dos valores e comportamentos apresentados através da narrativa da vida de seus biografados. A biografia surge, assim, como o melhor meio de mostrar as ligações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova de vida. Trata-se, nestes termos, de salientar a importância do “outro” para a constituição do “todo”. Por “outro” entenda-se o “herói”, indivíduo extraordinário, pois além da mediocridade, mas alcançável, por seu caráter pedagógico. Por “todo” entenda-se a nação, constituída a partir da sociabilidade de indivíduos que devem nortear os atos heróicos do biografado como utopia.

Isto posto, devemos reiterar o nosso entendimento acerca da *Galeria dos Brasileiros Ilustres* como manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador (ORLANDI, 1993) e difusor da memória e da identidade da nação brasileira, e ainda salientar que o modelo de virtuosidade do *herói* atribuído por Sisson a seus biografados veio a ser utilizado por diversos dirigentes e letrados ao longo da vigência do Estado Imperial brasileiro, interessados na elaboração de discursos e narrativas que pudessem veicular valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime monárquico então instaurado.

Em um período triplamente caracterizado pelo uso da História como via de legitimação dos Estados Nacionais, pelo reconhecimento da mesma como “disciplina científica” e pela ampliação do debate acerca da sua relação com a Biografia, inúmeras produções biográficas foram elaboradas em terras brasileiras de tempos imperiais a partir de esforços de intelectuais cujo norte principal se remetia à construção e propagação de um projeto de nação, baseado no princípio monárquico de governo, e em valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime então instaurado.

Coleção de biografias que fomentaram a construção de galerias de ilustres, cada qual em suas características e possibilidades, narraram as vidas de brasileiros notáveis com a função de fornecer exemplos patrióticos em tempos de vigência monárquica em terras brasileiras. Como exemplo de tais obras, temos *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, erigida pelo francês Sebastião Augusto Sisson, produção por nós entendida como

manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador e difusor da memória e da identidade da nação brasileira que, se por um lado já apresentava minimamente consolidada sua unidade territorial e política, por outro ainda buscava garantir o sucesso de um projeto civilizatório, da ordem e do progresso.

Através “*da pena*” destes biógrafos, os “homens de exceção” do Brasil, após uma seleção meritocrática, puderam ser salvos do olvido do passado, sendo suas vidas narradas em glórias e suas ações interpretadas como símbolos de conduta por seus compatriotas.

Para além da escolha de quem não deveria ser esquecido, colocava-se a dimensão de como deveriam ser lembrados, em um jogo metonímico em que a parte, leia-se o indivíduo, pudesse ser o todo, naqueles termos, a sociedade nacional. Tais ilustres são, assim, convertidos em “atores históricos” inscritos, portanto, no relato da construção de uma história e de uma memória nacional.

Deste modo, a História, assim como o gênero biográfico, assume em terras brasileiras de tempos imperiais uma vertente que, igualmente presente em boa parte dos países ocidentais, mostrava-se comprometida com a formação do Estado Nacional. Com este intuito, colocavam-se em ação escritores devotados à recuperação e preservação da memória nacional, através do sistemático registro dos grandes fatos, das datas memoráveis e das ações insignes dos grandes homens brasileiros, o que quase sempre significava dizer “os homens políticos”. Deviam, então, coligir, metodizar e guardar documentos, registrar fatos e nomes com a finalidade última de compor uma história nacional, de elaborar um discurso da história pátria, recriando um passado, por meio da divulgação pedagógica da vida de “grandes homens” (cujas grandezas estariam articuladas aos valores de determinado projeto de Nação) e solidificação de mitos fundacionais (SCHWARCZ, 1989:5). Estes escritores deveriam, em outras palavras, romper com a seguinte máxima nietzschiana: “*Uma nação é o contorno que a natureza faz para chegar a produzir seis ou sete grandes homens. – Para depois os evitar*” (NIETZSCHE, 1970:78)

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Reflections on the origin and spread of nationalism. Revised edition. London-New York, Verso, 1991.

- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- GUINSBURG, Jacó. (org). *O Romantismo*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- KOSELLECK, Reinhart. “Uma História dos Conceitos”: problemas teóricos e práticas. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 134-146.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. A formação do estado imperial. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Dispositivo Nietzsche*: além do bem e do mal. São Paulo: Nova Crítica, 1970.
- ORLANDI, Eni Puccineli (org.). *Discurso fundador*. A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. “Os Guardiões da Nossa História Oficial”. São Paulo: IDESP, 1989. In: *História das Ciências Sociais*, n° 9.
- SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1847. 2 vols.
- SISSON, Sebastião. A. *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. Brasília: Senado Federal, 1999. 2 vols.